

S04:AO-58

TÍTULO: FAIXA RIBEIRA: SETORES MERIDIONAL E CENTRAL**AUTOR(ES): CAMPANHA, G. A. C.; BASEI, M. S. A.; JULIANI, C.; FALEIROS, F.M.****INSTITUIÇÃO: INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO***Campanha, G.A. da C., Basei, M.A.S., Juliani, C., Faleiros, F.M.
Instituto de Geociências da USP*

A denominação Cinturão Ribeira foi dada originalmente para uma larga faixa de crosta deformada subparalela à costa sudeste brasileira, com idade neoproterozóica. Entretanto, dados geológicos mais recentes têm indicado que esta idade está relacionada principalmente a um extenso tectono-metamorfismo e plutonismo de arco magmático, enquanto que as idades de sedimentação e vulcanismo de muitas de suas seqüências supracrustais parecem ser significativamente mais antigas. Desta forma, a região pode ser considerada como uma amálgama de terrenos de idades meso- a neoproterozóicas, justapostos ao final do Neoproterozóico pela colisão oblíqua entre os crátons do São Francisco, Congo e Paraná. Dentre as diversas questões ainda pendentes sobre sua evolução, destacam-se a falta de correlações precisas entre as seqüências supracrustais dos setores meridional e central, e a identificação e delimitação de possíveis terrenos. Insere-se aqui a polêmica clássica de correlação entre os então denominados grupos Açungui e São Roque, senso amplo. Com base em resultados U-Pb SHRIMP mais recentes e na correlação entre as diversas unidades litoestratigráficas, uma série de terrenos tectônicos com estruturação NE pode ser reconhecida, os quais seriam de NW para SE: a) um remanescente de margem passiva ou arco de ilhas, constituído por metacarbonatos com estromatólitos, associados com meta-arenitos arcossianos, filitos, metavulcânicas e metabasitos (parte de grupos Itaiacoca e de São Roque), provavelmente neoproterozóicos (Criogeniano); b) plataformas carbonáticas mais distais, mas ainda de ambiente nerítico (Subgrupo Lajeado, Formação de Água Clara, Grupo de São Roque na região de Votorantim e porção carbonática do Grupo Votuverava), com idade incerta, de neoproterozóica (Criogeniano) a mesoproterozóica (Ectasiano); c) depósitos turbidíticos e *slumpings* neoproterozóicos tardios (Ediacarano) (Formação Iporanga e partes do Grupo Votuverava e Subgrupo de Ribeira); d) depósitos de águas mais profundas e/ou distais associados com rochas metabásicas mesoproterozóicas, que gradam para depósitos costeiros (parte do Subgrupo Ribeira, Formação Perau, Grupo Serra de Itaberaba); sendo os metabasitos tanto semelhantes a MORB como a basaltos de arco de ilhas imaturo; e) seqüências de xistos pelíticos-psamíticos de grau metamórfico médio, provavelmente neoproterozóicos antigos (Toniano) (Complexo de Embu). f) seqüências de plataforma rasa imbricadas com embasamento (Formação de Capiu, Grupo Setuva, Complexo de Turvo-Cajati), com forte sobreposição de eventos brasilianos, ocorrendo principalmente a sul do Lineamento Lancinha, em contato com o Complexo Atuba (gnáissico-migmatítico) por zonas de cisalhamento de baixo ângulo; g) um fragmento cratônico antigo (paleoproterozóico a arqueano) representado pelo terreno Luís Alves, separado dos terrenos anteriores pela zona de sutura Piên-Morretes (brasiliana). Desse modo a evolução neoproterozóica do cinturão pode ser entendida como a colagem de uma série de terrenos tectônicos, incluindo arcos de ilha, margens passivas e fragmentos de embasamento paleoproterozóico e mesmo arqueano. Extensivo magmatismo granitóide do tipo andino (Cunhaporanga, Três Córregos, Agudos Grandes/Piedade, Socorro, Serra dos Órgãos), como tal devendo estar associado a margem ativa com subducção, afeta essas unidades e precede as primeiras etapas da evolução do sistema transcorrente que afetou toda região.

In: Congresso Brasileiro de Geologia, 43, Anacapi, 2006, pag. 23